

**O quarto bios e o colonialismo de dados:  
tensões entre controle e resistência na mídiatização**

***The fourth bios and data colonialism:  
tensions between control and resistance in mediatization***

Justino Batista PEREIRA NETO<sup>1</sup>  
Adriano Charles da Silva CRUZ<sup>2</sup>

**Resumo**

Este artigo analisa o campo comunicacional contemporâneo a partir da tensão entre o dispositivo tecnológico e o vínculo simbólico. Discute-se a emergência do quarto bios, como uma nova forma de existência estruturada pela mídiatização generalizada, e seu confronto com o regime do colonialismo de dados. Ao retomar as bases críticas da Escola de Frankfurt e as mediações culturais do pensamento latino-americano, o estudo examina como a captura neoliberal do cotidiano converte experiências humanas em ativos informacionais por meio da modulação algorítmica. Adicionalmente, exploram-se perspectivas decoloniais e as epistemologias da Terra que reposicionam o conceito de *ñe'eng* (palavra-alma) e o ato de escutar como fundamentos ontológicos do vínculo social. A investigação conclui que o futuro do campo reside na transição de uma lógica instrumental de transmissão de sinais para uma práxis relacional, capaz de restaurar a compreensão humana e a coexistência ética em um mundo fragmentado.

**Palavras-chave:** Teoria da Comunicação. Práxis Teórica. Mídiatização. Decolonialidade.

**Abstract**

This article analyzes the contemporary communicative field through the dialectical tension between technological apparatuses and symbolic bonds. It addresses the emergence of the fourth bios, a novel existential mode structured by generalized mediatization, in its systemic confrontation with data colonialism. By synthesizing the critical foundations of the Frankfurt School with the cultural mediations inherent to Latin American thought, the study examines how neoliberal capture transforms daily life into information assets via algorithmic modulation. Furthermore, it explores decolonial perspectives and Earth-based epistemologies that reposition the concept of *ñe'eng* (soul-word) and the act of listening as ontological foundations for social cohesion. The research concludes that the field's future necessitates a transition from an instrumental logic of

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: justino\_net@hotmail.com

<sup>2</sup> Pós-doutor em Comunicação pela ECA/USP. Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Processos Institucionais (UFRN). E-mail: adriano.cruz@ufrn.br

signal transmission toward a relational praxis capable of restoring human understanding and ethical coexistence.

**Keywords:** Communication Theory. Theoretical Praxis. Mediatization. Decoloniality.

## Introdução

A comunicação, conforme postula Daniel Bounoux, é um fenômeno total que resiste a definições simplistas. Historicamente situada nas fronteiras da linguística, da Sociologia e filosofia, as Ciências da Comunicação operam em um território epistemológico fluido, marcado pela tensão entre a dimensão técnica-instrumental e a dimensão relacional, simbólica e pragmática.

Se comunicar é primeiramente "ter em comum", o mundo moderno e as redes que o cobrem não cessam de renovar nossas maneiras de estar junto, e de ramificar nossos *mundos*, fragmentando-os. A vertiginosa diversidade das escalas da comunicação, do interpessoal ao planetário, e a imbricação dos níveis fazem duvidar de que uma disciplina possa sozinha apropriar-se de semelhante "campo". Se uma interdisciplina denominada "comunicação" tateia, hoje, em busca de sua consistência, esta não advirá senão por meio do debate e da confrontação entre os saberes. (Bounoux, 1999, p. 29)

O desafio inicial do campo reside em superar a visão de que o ruído ou o mal-entendido são falhas do processo comunicacional; na verdade, eles são elementos constitutivos da própria comunicação, revelando a instabilidade dos sentidos, a opacidade da linguagem e a assimetria das posições dos sujeitos. O texto de Armand e Michèle Mattelart (2004) *História das Teorias da Comunicação*, traça a genealogia e o impacto de duas grandes matrizes que moldaram o pensamento comunicacional no século XX: o modelo matemático de Shannon e o pensamento sistêmico-cibernético.

A gênese das teorias clássicas é marcada por uma tensão entre, de um lado, a Mass Communication Research, de orientação funcionalista, centrada na análise dos efeitos, da persuasão e da adaptação social, e, de outro, a teoria matemática da informação de Claude Shannon, que concebia a comunicação como um problema técnico de transmissão eficiente de sinais e redução da entropia, abstraindo as dimensões simbólicas e sociais do processo. Paralelamente, a cibernética de Norbert Wiener e, posteriormente, a cibernética de segunda ordem, desenvolvida por Heinz von Foerster, introduziram o conceito de

feedback (retroalimentação), deslocando a compreensão da comunicação de um modelo linear para um modelo circular, autorregulado e sistêmico. Essa mudança paradigmática permitiu compreender a comunicação como um processo de organização que combate a desordem por meio da produção de neguentropia, isto é, da criação de ordem informacional e relacional.

A Escola de Palo Alto aprofundou essa perspectiva ao afirmar que todo comportamento tem valor comunicativo, deslocando o foco da comunicação do conteúdo das mensagens para o contexto relacional, interacional e pragmático, evidenciando que comunicar não é apenas transmitir informações, mas estabelecer vínculos, negociar sentidos e organizar a experiência social. Esse deslocamento progressivo — da transmissão ao vínculo, do dispositivo técnico à relação simbólica, da informação ao sentido — constitui o eixo fundamental da transformação epistemológica do campo comunicacional contemporâneo.

A produção científica em comunicação na América Latina, conforme defendido por Maldonado (2022), exige uma práxis teórico-crítica situada, comprometida com as condições históricas e sociais da região. Isso implica reconhecer que o estudo da comunicação não pode se limitar à recepção passiva de paradigmas hegemônicos, particularmente aqueles oriundos do positivismo norte-americano, mas deve constituir-se como uma investigação ética, transdisciplinar e politicamente implicada na transformação das realidades sociais.

A investigação e a prática teórica em comunicação precisam ser promovidas, incluídas e realizadas de forma abrangente e penetrante tanto nos grupos acadêmicos, técnicos e de investigação, quanto nas instituições e nas comunidades da Nossa América. Esse é um fator estratégico para a transformação dos modos de existência intelectual, pedagógica, profissional, de investigação e sociopolítica na atual fase de crise política, social e econômica na região. A constituição de uma produção teórica própria, consistente, é uma condição necessária para a transformação sociopolítica, cultural, educacional e científica das nossas realidades. (Maldonado, 2022, p. 53)

Maldonado (2022) defende que a produção de uma teoria da comunicação própria e consistente na América Latina constitui um fator estratégico para a transformação social, epistêmica e intelectual da região. Para isso, propõe um confronto epistemológico com modelos de ensino conservadores, fragmentários e epistemologicamente dependentes, sugerindo que a comunicação deve ser compreendida como uma prática

transdisciplinar, crítica e permanentemente situada nas relações entre poder, cultura e tecnologia. Embora reconheça a centralidade dos sistemas transmídia na contemporaneidade, o autor argumenta que a técnica e as categorias instrumentais são insuficientes para abarcar a complexidade da experiência humana. Assim, a investigação comunicacional deve voltar-se à análise da complexidade dos sujeitos, das relações de poder, das mediações culturais e dos contextos históricos e sociopolíticos, buscando uma compreensão que integre tecnologia, simbolismo e existência concreta.

Nesse cenário, autores como Jesús Martín-Barbero (1988) propõem um deslocamento epistemológico fundamental, ao sugerirem a passagem dos meios às mediações, rompendo com a centralidade dos dispositivos técnicos e orientando a análise para os processos culturais, históricos e sociais que estruturam a comunicação. Martín-Barbero resgata o popular não como resíduo arcaico ou atraso histórico, mas como uma matriz simbólica e narrativa capaz de resistir, negociar e ressignificar as formas massivas de produção cultural. Essa perspectiva dialoga criticamente com a tradição da Escola de Frankfurt, especialmente com a análise de Adorno (1993) sobre a indústria cultural, mas também se aproxima das contribuições de Walter Benjamin e dos Estudos Culturais, ao reconhecer a recepção como espaço ativo de produção de sentido, negociação e potencial resistência.

### **Comunicação como vínculo: mediações, estesia e decolonialidade no campo comunicacional**

Na contemporaneidade, a comunicação atinge o estágio da midiatização generalizada, definida por Muniz Sodré como um quarto bios existencial, isto é, uma nova forma de vida estruturada pela mediação técnica e simbólica dos dispositivos comunicacionais.

Nossa idéia de um quarto bios ou uma nova forma de vida não é meramente acadêmica, uma vez que já se acha inscrita no imaginário contemporâneo sob forma de ficções escritas e cinematográficas. Tal é, por exemplo, a base narrativa do filme norte-americano *O show de Truman*, em que o personagem principal vive numa comunidade. (Sodré, 2002, p. 24)

Nesse contexto, não se trata mais de utilizar os meios como instrumentos externos, mas de habitar uma ambiência midiática que estrutura as formas de percepção, de vínculo e de existência. Baitello Júnior (2019) alerta para a emergência das existências penduradas, nas quais a selfie e a autoexposição algoritmicamente modulada drenam a alteridade, transformando a vida em uma superfície contínua de visibilidade e simulacro, conforme antecipado pela teoria da simulação de Baudrillard (1981). A tecnologia, nesse cenário, deixa de operar como mera ferramenta e passa a constituir-se como dispositivo de modulação da experiência, da visibilidade e do comportamento, operando como uma forma de infocontrole distribuído, inscrito nas arquiteturas algorítmicas das plataformas digitais. Esse domínio técnico é reforçado pelo que Silveira (2021) define como colonialismo de dados, entendido como um regime de captura, extração e exploração sistemática das experiências humanas convertidas em ativos informacionais, aprofundando a tecnologia, portanto, deixa de ser neutra e passa a ser um dispositivo de infocontrole, onde o neoliberalismo captura a vida cotidiana e a transforma em ativos para o capital informacional, aprofundando a dependência tecnológica dos países periféricos. Como resposta ao esgotamento do paradigma tecnocêntrico e predatório, emergem perspectivas que propõem uma ecologia das imagens, da percepção e dos vínculos, articulando técnica, sensibilidade e território. Nesse horizonte, autores como Raquel Carneiro e Ailton Krenak deslocam o eixo do pensamento comunicacional ao incorporar epistemologias indígenas, nas quais comunicação, natureza e existência constituem dimensões indissociáveis. Para Krenak (2020), a crise ambiental contemporânea é, em última instância, uma crise de comunicação, isto é, uma ruptura dos vínculos simbólicos, sensíveis e ontológicos entre o humano e o mundo. A proposta decolonial sugere, assim, que a comunicação deve retornar à sua dimensão originária de vínculo, expressa no conceito guarani ñe'eng, entendido como “palavra-alma”, isto é, uma palavra que não apenas representa o mundo, mas constitui e o vivifica.

“Ñe'eng”, a palavra-alma, é ação em carne viva, como nos explica Elena Maidana (1993, p. 218), e se concretiza no desafio diário de “el saber escuchar la palabra, el saber hacer escuchar la palabra, el saber hacer fluir la palabra, el saber decir la palabra”. Para os Mbyá, o saber escutar é a ação que mais se privilegia, pois consolida o chamado “mbyá-rekó”, o modo de ser Guarani. Explicam ainda, o “bem escutar” é a outra face do “bem dizer”, condição primeira de uma comunicação perfeita e que se aproxima antes mesmo com o sagrado, do que de uma normatividade puramente linguística. Acrescentaríamos o silêncio e o ruído como essenciais à “criatura” comunicacional (Sfez, 1994), um

homem que é parte de uma natureza complexa, inserido em ambientes e máquinas dentro e fora de si, como em um grande organismo vivo que se autoproduz em movimentos espirais múltiplos. (Carneiro, 2024, p, 198)

Esse deslocamento epistemológico é decisivo, pois rompe com a tradição logocêntrica ocidental, centrada na emissão, e reposiciona o escutar como fundamento ontológico da comunicação. Ao conectar a comunicação ao sagrado, ao território e à experiência sensível, essa perspectiva desafia a redução da comunicação a um sistema técnico de codificação e transmissão de sinais. A palavra, nesse horizonte, não representa o real, mas participa de sua constituição ontológica, operando como força relacional que produz mundo e vínculo. Superar o colonialismo comunicacional exige, portanto, reconhecer a alteridade como fundamento da relação comunicacional. A comunicação não é apenas o que os dispositivos fazem com os sujeitos, mas o que os sujeitos fazem com os dispositivos, em processos de apropriação, negociação e ressignificação (Morin, 2003). Nesse sentido, a noção de soberania algorítmica emerge como um conceito estratégico, articulando a luta contra a alienação técnica, a dependência de infraestruturas globais e a expropriação dos dados e das experiências. Trata-se, igualmente, de promover uma desaceleração da lógica extrativista da informação, favorecendo uma reintegração sensível entre comunicação, corpo, território e experiência, em oposição à aceleração compulsória do regime informacional contemporâneo.

As teorias da comunicação, nesse percurso histórico, evoluíram de uma lógica de transporte de informações para uma lógica de vínculo, comunhão e conflito. Pensar a comunicação hoje exige o que Roger Silverstone (2005) denomina uma razão mosaico, isto é, uma racionalidade capaz de integrar as dimensões técnica, estética, ética e política da experiência comunicacional. O futuro do campo não reside na sofisticação crescente dos algoritmos, mas na capacidade de restaurar o vínculo, o sentido e a compreensão humana em um mundo marcado pela fragmentação e pela saturação informacional. Como afirma Krenak (2020), o amanhã não está à venda, o que implica reconhecer que o futuro da comunicação não pode ser reduzido à lógica do mercado e da otimização técnica, mas deve ser construído como prática relacional, sensível e situada, capaz de restabelecer os vínculos entre sujeito, território e alteridade.

Para aprofundar a relação entre Jesús Martín-Barbero e Theodor Adorno, é necessário reconhecer que ambos operam em horizontes epistemológicos distintos, ainda que interligados por uma preocupação comum com as relações entre comunicação,

cultura e poder. Enquanto Adorno (1993) analisa a comunicação a partir da lógica sistêmica da indústria cultural, enfatizando os processos de padronização, mercantilização e dominação simbólica, Martín-Barbero (1988) desloca o eixo da análise para as mediações culturais, isto é, para os processos sociais, históricos e simbólicos que estruturam a recepção e a apropriação da mídia.

A contribuição de Adorno é decisiva ao demonstrar que a cultura, sob o capitalismo tardio, torna-se mercadoria, e que o entretenimento opera como prolongamento do trabalho, anestesiando a consciência crítica e reforçando a racionalidade instrumental. A indústria cultural, nesse sentido, constitui um dispositivo de reprodução da dominação, no qual a técnica opera como instrumento de integração e controle social.

Martín-Barbero, por sua vez, reconhece a pertinência dessa crítica, mas aponta seus limites, particularmente sua incapacidade de compreender a complexidade das culturas populares latino-americanas. Ao propor o deslocamento dos meios às mediações, Martín-Barbero rompe com a razão dualista que opõe cultura autêntica e cultura de massa, e passa a compreender o popular como espaço híbrido, mestiço e dinâmico, no qual se articulam tradição, modernidade e resistência.

Enquanto Adorno privilegia a análise da produção e das estruturas de dominação, Martín-Barbero enfatiza os processos de recepção, apropriação e ressignificação. Para o autor, o receptor não é um sujeito passivo, mas um sujeito situado, cujas práticas de consumo são mediadas por sua inserção em contextos familiares, religiosos, territoriais e afetivos.

Essa tensão torna-se evidente na análise de produtos culturais como a telenovela. Para Adorno, tais produtos constituem formas padronizadas de reprodução ideológica, reforçando o conformismo e a passividade. Para Martín-Barbero, ao contrário, a telenovela constitui um espaço de atualização das matrizes simbólico-dramáticas populares, no qual os sujeitos projetam suas experiências, afetos e memórias, produzindo sentidos que escapam parcialmente ao controle da lógica mercantil.

A relação entre esses dois autores pode ser compreendida à luz do conceito gramsciano de hegemonia, que reconhece a dominação não como imposição absoluta, mas como processo instável, atravessado por negociações, resistências e apropriações. Nesse sentido, Martín-Barbero não nega a dominação estrutural identificada por Adorno,

mas a reinscreve em um campo relacional, no qual os sujeitos mantêm capacidade de agência, interpretação e resistência.

A Tabela 1 sintetiza essas diferenças epistemológicas, evidenciando dois paradigmas fundamentais da teoria da comunicação: de um lado, uma abordagem estrutural, centrada na crítica da dominação sistêmica; de outro, uma abordagem culturalista, centrada na análise das mediações, da recepção e da produção de sentido. Essa tensão entre dispositivo e vínculo, entre estrutura e mediação, entre dominação e apropriação, constitui um dos eixos fundamentais da teoria da comunicação contemporânea, abrindo caminho para abordagens que buscam integrar técnica, cultura, sensibilidade e ontologia relacional na compreensão dos processos comunicacionais.

**Tabela 1** - Comparativa Adorno e Barbero

Conceito	Theodor Adorno	Jesús Martín-Barbero
Foco de análise	A lógica da indústria cultural (Produção).	As mediações e o uso cotidiano (Recepção).
Papel do Receptor	Objeto manipulável, consciência passiva.	Sujeito de réplica, cúmplice e resistente.
Cultura Popular	Degradada e substituída pela massa.	Mestiça, sobrevive dentro do massivo.
Tecnologia	Instrumento de alienação e controle.	Lugar de conflito e apropriação cultural.

Fonte: elaboração própria (2026), a partir de Adorno (1993), Martín-Barbero (1988, 1997).

Enquanto Adorno foca na estrutura de poder e Barbero nas mediações culturais, Landowski (2014) explica como o sentido é negociado tecnicamente no ato da interação. A sociosemiótica como terceira via, se Adorno denuncia a manipulação e Barbero resgata a mediação cultural, Eric Landowski propõe que o sentido não está nem apenas na mensagem do emissor, nem apenas no contexto da cultura, mas no regime de interação entre os sujeitos. A sociosemiótica renova o debate ao propor que a comunicação não é apenas uma decifração de códigos, mas um ajustamento sensível entre partes. Landowski critica o que chama de lógica da junção (comprar/vender, dar/receber), que é a base da análise de Adorno sobre a indústria cultural. Para Adorno, o sistema manipula o sujeito

para que ele deseje o objeto-mercadoria. Landowski argumenta que essa visão é puramente econômica e estratégica. Ela ignora que muitas interações humanas não buscam um objeto, mas sim uma união ou sintonia.

A matriz simbólico-dramática proposta por Martín-Barbero, que explica como o público se emociona e se identifica com a telenovela, dialoga diretamente com a lógica da união de Eric Landowski. Enquanto a leitura voltada à decifração do signo é um exercício puramente intelectual, a captura do sentido é uma experiência estética e estésica. Assim, o público popular, ao consumir o melodrama, não processa informações apenas em um nível cognitivo, ele mergulha em um estado de estesia e contágio sensível. O sentido emana das qualidades sensíveis da imagem e da performance, dimensões que a crítica racionalista de Adorno frequentemente desconsidera ao classificar o fenômeno como mera alienação.

Para compreender a complexidade do ethos midiaticizado, Landowski propõe que a comunicação contemporânea oscila entre quatro regimes distintos. A programação, que se baseia na regularidade, na rotina e no algoritmo. É a publicidade repetitiva criticada por Adorno, onde o sentido é fixo e previsível; a manipulação, na qual, refere-se à intencionalidade e ao jogo estratégico, campo onde o marketing e a política buscam convencer o outro, terreno clássico da *Mass Communication Research*; no ajustamento, onde pauta-se na sensibilidade e na interação mútua, sem roteiros pré-definidos. É o que Edgar Morin chama de compreensão humana e Barbero define como mediação, trata-se da capacidade genuína de sentir o outro; e por fim, no assentimento, no qual envolve a aleatoriedade e o risco, o território do imprevisível que remete ao vale tudo de Silverstone (2005) ou ao caos de Vattimo (1992).

O diálogo entre esses pilares revela uma estrutura teórica robusta. O pilar crítico de Adorno identifica a programação e a manipulação de uma indústria cultural que tenta coisificar o sujeito. Em contrapartida, o pilar culturalista de Barbero aponta as mediações que permitem ao popular resistir e encontrar espaços de reconhecimento dentro do massivo. Por fim, o pilar semiótico de Landowski explica que essa resistência se concretiza pelo ajustamento, a capacidade do sujeito de não apenas ler o que o sistema impõe, mas de sentir e reconstruir o sentido por meio da experiência sensível. Dessa forma, a comunicação deixa de ser uma transmissão linear de dados para se transformar em um processo de ajustamento semiótico. Onde Adorno enxergava apenas o esquema repetitivo da programação, Landowski e Barbero revelam a estesia do encontro. Nesse

cenário, o sentido é capturado no ato da experiência, permitindo que o sujeito se desvie da norma e produza significações originais em seu cotidiano.

### **Considerações finais**

A trajetória teórica percorrida neste artigo evidencia que a comunicação não pode ser compreendida como um objeto estático ou como um simples instrumento técnico de transmissão de informações, mas como um campo relacional, histórico e epistemologicamente situado, atravessado por disputas simbólicas, políticas e ontológicas. Ao revisitar as matrizes fundadoras do campo — da teoria matemática da informação à teoria crítica, das mediações culturais à sociossemiótica e ao pensamento decolonial — torna-se possível identificar um deslocamento progressivo que vai do dispositivo ao vínculo, isto é, de uma concepção instrumental da comunicação para sua compreensão como prática constitutiva da vida social.

A crítica de Theodor Adorno à indústria cultural permanece fundamental para compreender os mecanismos de padronização, mercantilização e controle que estruturam a comunicação sob o capitalismo. Contudo, como demonstrado por Jesús Martín-Barbero, a comunicação não se esgota nas estruturas de dominação, devendo ser analisada também a partir das mediações culturais e das práticas cotidianas de apropriação, nas quais os sujeitos produzem sentidos, negociam significados e exercem formas de resistência. Essa perspectiva permite deslocar o olhar da estrutura para a relação, reconhecendo a comunicação como espaço de tensão entre dominação e agência.

A sociossemiótica de Eric Landowski aprofunda esse deslocamento ao introduzir a noção de ajustamento sensível, evidenciando que a comunicação não é apenas um processo de transmissão ou interpretação, mas uma prática relacional fundada na copresença, na reciprocidade e na abertura ao outro. Essa dimensão sensível recoloca o vínculo no centro da teoria comunicacional, revelando que comunicar não é apenas informar, mas estabelecer relações que transformam os sujeitos e o mundo que compartilham.

No entanto, a emergência do que Sérgio Amadeu da Silveira denomina colonialismo de dados inaugura uma nova fase da dominação comunicacional, na qual não apenas os conteúdos, mas os próprios comportamentos, percepções e formas de existência são capturados, modulados e convertidos em ativos informacionais. Nesse

contexto, a comunicação torna-se parte de uma infraestrutura global de extração, operando um processo de expropriação simbólica e epistemológica que ameaça a pluralidade dos modos de conhecer e existir. A crítica adorniana à indústria cultural revela, assim, sua atualidade, ainda que o dispositivo de controle tenha se sofisticado, deslocando-se da padronização dos conteúdos para a modulação algorítmica da experiência.

Frente a esse cenário, o pensamento comunicacional latino-americano, especialmente nas contribuições de Maldonado, Sodr e e Martín-Barbero, oferece caminhos para a constru o de uma teoria situada, capaz de reconhecer a comunica o como prática social, cultural e política. A no o de midiatiza o como quarto bios existencial, proposta por Muniz Sodr e, evidencia que a comunica o não   apenas uma esfera da vida social, mas um ambiente que reconfigura as formas de percep o, de rela o e de existência.

As epistemologias da Terra, articuladas por autores como Raquel Carneiro e Ailton Krenak, aprofundam esse deslocamento ao propor uma concep o de comunica o fundada no vínculo, na escuta e na alteridade. Ao resgatar o conceito de *ñe'eng*, a “palavra-alma”, essas perspectivas afirmam que a comunica o não   um processo externo   vida, mas sua própria condi o de possibilidade, operando como prática relacional que vincula sujeitos, territórios e cosmologias. Nesse horizonte, a comunica o deixa de ser compreendida como infraestrutura técnica e passa a ser reconhecida como prática ontológica, isto  , como aquilo que torna possível a existência comum.

Essa perspectiva implica reconhecer que o enfrentamento ao colonialismo de dados não se limita   regula o técnica ou   soberania tecnológica, mas exige uma transforma o mais profunda, que envolva a reconstru o dos vínculos entre comunica o, sensibilidade, território e existência. Como argumenta Krenak (2020), a lógica contemporânea redefine os sujeitos como consumidores, enfraquecendo sua condi o cidadã e sua capacidade de estabelecer rela es críticas e sensíveis com o mundo, reduzido   lógica instrumental da explora o. Superar essa condi o implica reconstruir a comunica o como prática de vínculo, capaz de restabelecer as condi es de escuta, reciprocidade e coexistência.

Nesse sentido, a práxis teórica, conforme proposta por Maldonado, assume papel central, ao afirmar a necessidade de produzir conhecimentos comprometidos com a transforma o das realidades periféricas e com a constru o de alternativas

epistemológicas ao paradigma dominante. Trata-se de compreender a teoria não como descrição neutra do mundo, mas como prática crítica que intervém na realidade e contribui para sua transformação.

Conclui-se, portanto, que o futuro da teoria da comunicação não reside na sofisticação crescente dos dispositivos técnicos, mas na capacidade de compreender e reconstruir os vínculos que sustentam a vida social. Isso implica articular crítica, sensibilidade e decolonialidade, reconhecendo que a comunicação é, simultaneamente, espaço de dominação e de resistência, de captura e de emancipação. O deslocamento do dispositivo ao vínculo não representa a negação da técnica, mas sua reinscrição em uma ecologia relacional mais ampla, na qual a comunicação deixa de operar como instrumento de controle e passa a ser reconhecida como condição ontológica da existência compartilhada.

Nesse horizonte, a comunicação deixa de ser compreendida como mera infraestrutura de circulação de informações e passa a ser reconhecida como prática de constituição do comum, isto é, como o solo simbólico e relacional no qual se tornam possíveis a produção de sentido, a emergência da alteridade e a invenção de futuros compartilhados.

## Referências

ADORNO, Theodor. Experiências científicas nos Estados Unidos. *In: Adorno, T. Consignas*, Buenos Aires: Amorrortu, 1993.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **Existências penduradas**: selfies, retratos e outros penduricalhos. Por uma ecologia das imagens. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2019.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Tradutora Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 1981.

BOUGNOUX, Daniel. O que é um problema de comunicação. *In: Introdução às ciências da comunicação*. Bauru: EDUSC, 1999.

CARNEIRO, Raquel G. **Etnomídia indígena**: configurações de vozes de uma demarcação etnomulticomunicacional cidadã e descolonizadora. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

FERRARA, L. D. **Ressonâncias semióticas da comunicação**. COGNITIO (PUC-SP), v. 23, 2022.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LANDOWSKI, Eric. **Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido**. Revista Galáxia (São Paulo, Online), n. 27, 2014.

MALDONADO, Alberto Efendy. O desafio epistemológico da práxis teórica na construção de teorias da comunicação. In: BONIN, J.; SAGGIN, L. (Org.). **Investigação crítica em comunicação: construções epistêmicas, teóricas e metodológicas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Procesos de comunicación y matrices de cultura: itinerário para salir de la razón dualista**. México: Gustavo Gili, 1988.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Editora UFRJ, 1997.

MATTELART, Armand e Michele. **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

MATTELART, Armand e Michele. **História das teorias da comunicação**. 7 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

MORIN, Edgar. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 20, 2003.

LUHMANN, Niklas . **La différentiation de la politique et de l'économie, politique et complexité**, Paris, Les Éditions du Cerf, 1999.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; SOUZA, Joyce; CASSINO, João Francisco. (Org.). **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VATTIMO, Gianni. A Educação contemporânea entre a epistemologia hermenêutica. In: **Tempo Brasileiro**, n. 108, 1992.